

Os super-heróis como recursos de desenvolvimento humano em ambiente escolar: uma proposta de formação docente

Superheroes as development resources human development in the school environment: a proposal for teacher training

Gelson Vanderlei Weschenfelder*

Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

Ernani Muggi**

Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: Há diversas pesquisas que indicam a necessidade de atualização dos cursos de licenciaturas, visto que, muitas vezes, suas propostas se mostram equivocadas e alienadas das realidades socioculturais contemporâneas. Elas também apontam para a necessidade de um outro e novo olhar sobre os processos formativos dos docentes. Segundo elas, a formação continuada representa, além de uma necessidade, uma possibilidade de construção de ações pedagógicas coerentes e viáveis nos contextos da ação profissional docente. No leque de temáticas passíveis de serem abordadas no âmbito da qualificação, entra o gênero história de quadrinhos, muitas vezes colocado em segundo plano ou, até mesmo, ausente do ambiente escolar, pelo fato de as histórias serem vistas apenas como entretenimento. Todavia, a qualificação é inconsistente, visto que essa manifestação artística possibilita, ao leitor, refletir sobre problemas centrais da condição humana, muitos deles vinculados aos temas transversais apresentados pela BNCC e relacionados a políticas de desenvolvimento humano. Assim, o propósito desta produção é apresentar uma proposta de formação docente, focada em recursos para o desenvolvimento humano em ambiente escolar, a partir da utilização de quadrinhos que têm super-heróis como personagens centrais.

Palavras-chave: Formação docente, Desenvolvimento humano, super-heróis, quadrinhos, ambiente escolar.

Abstract: There are several surveys that indicate the need to update undergraduate courses, as their proposals often prove to be mistaken and alienated from contemporary sociocultural realities. They also point to the need for another and new look at the training processes of teachers. According to them, continuing education represents, in addition to a necessity, a possibility of building coherent and viable pedagogical actions in the contexts of professional teaching action. In the range of themes that can be addressed in the qualification scope, the comic book genre is included, often placed in the background or even absent from the school environment, due to the fact that the stories are seen only as entertainment. However, this qualification is inconsistent, since this artistic expression allows the reader to reflect on central problems of the human condition, many of them linked to the transversal themes presented by the BNCC and related to human development policies. Thus, the purpose of this production is to present a proposal for teacher training, focused on resources for human development in the school environment, from the use of comics that have superheroes as central characters.

Keywords: Teacher training, Human development, superheroes, comics, school environment.

* Doutor em Educação, pesquisador da Universidade Feevale. E-mail: gellfilo@gmail.com.

** Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Feevale. E-mail: ernani@feevale.br.

1 INTRODUÇÃO

Para a maioria das pessoas, as histórias em quadrinhos (HQs) de super-heróis se restringem ao entretenimento do grande público, principalmente do público infantojuvenil. Entretanto, elas não são tão inocentes como aparentam ser, pois, além de diversão, introduzem e abordam questões importantes da vida. São temas ligados à superação de adversidades, construção de identidade pessoal, elementos de ética, moral, justiça, enfrentamento de medos, de situações de violência, entre outros (WESCHENFELDER, 2011).

É inegável o crescente número de pessoas que vivem em condições desfavoráveis no Brasil e no mundo. Essa condição independe de idade, localização geográfica ou densidade populacional. Por isso, muitos profissionais da área da educação, psicologia e ciências afins vêm buscando estudar recursos e possibilidades de investimentos em pesquisas que tragam conhecimento acerca de intervenções psicoeducacionais positivas. Segundo Yunes, Silveira, Juliano, Pietro e Garcia, intervenções positivas buscam auxiliar e apoiar a procura da felicidade e do alívio de sintomas de depressão em nível de prevenção, ou seja, elas permitem “intervir antes que as patologias apareçam, quando o indivíduo, grupo ou comunidade ainda estão sãos” (2013, p. 231).

Um grupo, em particular, merece a atenção de investigadores: as crianças e jovens. Pelas peculiaridades das fases de desenvolvimento em que se inserem, estão expostos a condições que podem resultar em comportamentos, padrões de conduta e rotinas que, por vezes, perduram durante a fase adulta (WINDLE *et al.*, 2004; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004). No Brasil, consoante balanço do governo (REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA, 2015), de janeiro a julho de 2015, ocorreram 66.518 denúncias de violações de direitos humanos. Destas, 42.114 estão relacionadas a violações dos direitos de crianças e adolescentes, o que equivale a 63,2%. Segundo o estudo da Secretaria (REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA, 2015), os abusos registrados contra crianças e adolescentes estão mais relacionados a episódios de negligência (definida como a ausência ou ineficiência no cuidado), com 76,35%, seguida de violência psicológica, com (47,76%), violência física (42,66%) e violência sexual (21,90%). Estudos indicam que crianças que sofreram abandono ou negligência dos pais, abusos e outros tipos de violências e/ou privações apresentam taxas mais elevadas de comportamentos de risco na fase adulta (COLE, 2014; JUFFER & VAN IJIZENDOORN, 2005). Sem a intervenção adequada, os resultados, como baixa autoestima, tendências suicidas, uso de substâncias e comportamento sexual de risco, entre outros, poderão agravar-se ao longo da adolescência e perdurar na idade adulta (ZAPPE & DELL'AGLIO, 2016).

Em resposta a isso, vários profissionais da área da Educação e da Psicologia buscam soluções para as ameaças à saúde mental de crianças e adolescentes em situação de risco. Nesse sentido, projetos de intervenção no âmbito escolar, com foco na promoção de desenvolvimento humano, devem ser priorizados, visto que funcionam como medida de prevenção.

2 INTERVENÇÕES POSITIVAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

É consenso que o ambiente escolar constitui, ao lado da família, um importante espaço de promoção do desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes. Entretanto, nele também são registradas inúmeras e frequentes manifestações de comportamentos agressivos, conflitos e de expressões de intolerância (ABROMOVAY, 2002; PORTELA, DALBOSCO, 2016). A violência praticada na escola, que envolve *bullying* (FERNANDES *et al*, 2017; FERNANDES, 2016), agressões físicas e verbais entre pares ou contra educadores, depredações na estrutura física, consumo de drogas, porte de armas, preconceito e discriminação, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016), traz consequências sérias para o público envolvido. Ela pode produzir, por exemplo, importantes implicações na saúde social dos jovens, sobretudo, na constituição psicológica deles. Cite-se algumas delas: prejuízo nas relações sociais; comprometimento na qualidade de vida; impactos no desenvolvimento emocional; depressão; transtornos pós-traumáticos, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016). Diante dessa realidade, poder-se-ia afirmar a necessidade de muito planejamento e da execução de intervenções protetivas ou “intervenções psicoeducacionais positivas”. A meta a ser buscada por essas intervenções segue os princípios da Psicologia Positiva¹ e caminham no sentido de provocar reflexões que orientem estes jovens a buscarem a felicidade e a aliviarem os sintomas das suas experiências de sofrimento e dor (SELIGMAN, STEEN, PARK & PETERSON, 2005). Além disso, são ações que visam a promover resiliência, com transformações de si e de seu meio social (YUNES, 2015), por meio do fortalecimento pessoal e social. Conforme Yunes, Silveira, Juliano, Pietro e Garcia (2013), desenhar e realizar uma intervenção positiva propõe atuar preventivamente, ou seja, é interferir na etapa em que indivíduos, grupos e comunidades ainda estão saudáveis e produtivos. Tais intervenções somente se tornam possíveis se os protagonistas das mesmas partirem de uma visão mais otimista dos seres humanos. Esse é um grande desafio no mundo atual, midiático, que sobrevive do “consumo” de manchetes e reportagens que vendem o lado perverso e maldoso de alguns seres (des)humanos (WESCHENFELDER *et al*, 2018). Sendo assim, faz todo sentido criar intervenções positivas em ambientes educativos formais para gerar ações que visem à promoção de aprendizagens transformadoras e geradoras de resiliência a partir de exemplos inspiradores e interações de bons tratos (WESCHENFELDER, 2020).

3 FORMAÇÃO CONTINUADA

O espaço da escola apresenta diversas dificuldades e de variadas ordens. Nesse contexto, os docentes, com frequência, se sentem impotentes, muitas vezes por não terem tido preparação suficiente para enfrentar os desafios. Quando se trata de questões de

¹ Psicologia Positiva é um campo de estudo da Psicologia que foca nos elementos que podem trazer felicidade às pessoas. Assim, em vez de priorizar a identificação de desvios ou patologias mentais, o segmento se volta para a manutenção e reforço do bem-estar do paciente.

vulnerabilidade social e de situações de risco, as dificuldades assumem contornos ainda dramáticos. Para Gatti (2017), a formação do professor não contempla essas questões. Para o teórico, muitos cursos de licenciaturas se mostram equivocados e alienados das realidades socioculturais contemporâneas.

Silva e Machado também evidenciam a necessidade de um outro e novo olhar sobre a formação. Consoante os autores, a formação continuada representa, “além de uma necessidade, uma possibilidade de construir ações pedagógicas coerentes e viáveis nos contextos da ação profissional docente” (2018, p. 96). Imbernón (2010) vai na mesma direção, assinalando, ainda, que há a necessidade de parceria entre a produção acadêmica e a Educação Básica, que, articuladas, podem desenvolver pesquisas significativas que convergem para as problemáticas enfrentadas no dia a dia escolar. Situam-se, nessa dinâmica, a formação de professores.

As formações continuadas não se constituem em novidade para os docentes, mas, com certa frequência, elas se frustram com as propostas, pois anseiam por soluções imediatas para dilemas que também são imediatos. Ainda, por vezes, as formações estão distantes da realidade e, assim, não conseguem atender às expectativas do público envolvido. Nestes casos, são olhares de fora, que, consoante Machado (2013), não contribuem para o desenvolvimento de uma autonomia profissional. É necessário, portanto, investir na inovação das formações, articulando as temáticas de maneira mais incisiva com a realidade escolar.

Gatti & Barreto levantam alguns elementos que incitam uma reflexão sobre a formação continuada de professores. Segundo os autores, muitas formações são organizadas sem ambicionar sintonia com as reais necessidades e dificuldades de docentes e da escola como um todo. Além disso, não preveem acompanhamento e apoio sistemático da prática pedagógica dos docentes. Ainda mais grave é quando os formadores não têm o conhecimento necessário dos contextos escolares (2009, p. 221). Diversos pesquisadores do tema alegam que há certa pobreza de iniciativas ousadas que rompem, de fato, com os modelos clássicos de formação docente (MARCONI, 2017; VAILLANT, 2016; ANDRÉ, 2013), constituindo um elo entre a proposta e a realidade. Para Silva e Machado, “constata-se de forma veemente que uma ação formadora docente deve estar visceralmente articulada com a realidade dos problemas práticos do chão da escola” (2018, p. 108).

4 EM TORNO DAS HQS: SUA HISTÓRIA E SEU POTENCIAL FORMADOR

Os quadrinhos aparecem, inicialmente, como tira de jornal, em 1895, com a publicação de ‘Yellow Kid’, que teve forte viés cômico. Por volta da década de 1930, as tirinhas já publicadas em jornais passaram a ser republicadas em revistas independentes. Assim surgem as revistas de histórias em quadrinhos (Comic Book), como as conhecemos atualmente. O gênero superaventura data de 1938, momento em que o personagem, como herói, assume papel predominante. Isso se deve às condições históricas que engendraram o novo gênero, como afirma Viana: “a Crise de 1929 traz a necessidade de um indivíduo

forte, resistente, um verdadeiro ‘herói’” (2005, p. 22). Para Marny (1970) há, inclusive, uma ‘divinização do herói’, engendrada por uma necessidade social.

Portanto, as HQs do gênero superaventura (super-heróis) substituem os quadrinhos com desenhos caricatos e histórias cômicas. Os super-heróis nascem após a quebra de Wall Street, que provocou uma catastrófica depressão mundial, quando bancos foram à falência, pessoas perderam seus empregos e lares, a criminalidade cresceu e surgiu na Europa um ditador que prometia grandes mudanças (Adolf Hitler). Segundo Morrison (2012), o palco estava armado para a resposta da imaginação do Mundo Livre.

Surgia ali, neste terreno fértil, o gênero das superaventuras e, com eles, a necessidade do super-herói. Conforme Chopra, “esses super-heróis são desesperadamente necessários para solucionar nossas atuais crises em um mundo tomado por conflitos, terror, guerra, ecodestruição e injustiças sociais e econômicas” (2012, p.14). As HQs do gênero superaventura foram produzidas por aqueles que são oprimidos e não conseguem imaginar que são os próprios agentes de sua libertação e, por isso, jogam suas esperanças nos heróis. Como estes, na realidade, são praticamente inexistentes, então o herói dos quadrinhos aparece como o seu substituto imaginário (VIANA, 2005, p. 24).

O super-herói ganhou vida em meio às crises do século XX, como a Grande Depressão, o início da Segunda Guerra Mundial, etc. (WESCHENFELDER, 2017). Para Knowles, o povo norte-americano estava com medo por ter experienciado todos estes acontecimentos. Assim, os personagens das HQs de superaventura “proporcionavam conforto e certa fuga da realidade” (2008, p. 23). Com as transformações sociais, a realidade cultural se transforma, sendo terreno prolífico para a criação desse objeto cultural. Assim, para Santos, “fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência” (1987, p. 8). As HQs de superaventura, nessa ordem, são uma leitura de seu tempo, traduzindo os acontecimentos históricos/sociais.

Os super-heróis estimulam virtudes, como a coragem nas crianças, bem como a força para enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais etc. (WESCHENFELDER, 2011). Neste cenário, eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Os personagens são mais do que apenas ídolos, são modelos.

Na contramão do que muitas pessoas pensam, as HQs (bem como suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema) não prejudicam a formação da criança e/ou adolescente. Muito pelo contrário, no confronto do ‘Bem contra o Mal’, temática recorrente nas HQs, não há indução do leitor/espectador à violência: os ensinamentos acionam estratégias de resolução de conflitos com dignidade (WESCHENFELDER, 2011). Assim, as HQs podem vir a ser instrumentos pedagógicos potentes, principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência (MASTEN, 2014; WALSH, 2005; YUNES, 2015).

A Mattel do Brasil, por exemplo, maior fabricante de brinquedos, em conjunto com o Instituto de pesquisa GFK Indicador, realizou uma pesquisa junto a crianças, para

entender que função os heróis ocupam hoje no imaginário infantil. O estudo revelou que, dentre outros aspectos, esses personagens têm função essencial na formação delas. Constatou-se que os super-heróis estimulam suas virtudes, como a coragem de enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais e combater o inaceitável. Mais do que ídolos, se firmam como modelos a serem seguidos. No entanto, não são desprovidos de medo e, justamente por isso, são fonte de coragem (GFK INDICADOR, 2008).

Outro exemplo emblemático sobre super-heróis e o enfrentamento de situações de estresse é encontrado com os pacientes da ala de oncologia pediátrica do Hospital A. C. Camargo Center, em São Paulo. Esse Hospital tornou-se conhecido por ter ganhado uma “super ajuda” no tratamento do câncer infantil, ou melhor, uma “Super-Fórmula”. Na tentativa de reforçar a esperança das crianças e alimentar a sua vontade de lutar contra a doença, a ala da oncologia pediátrica do hospital A. C. Camargo Center foi transformada na ‘Sala da Justiça’, alusão ao local da equipe de super-heróis das histórias em quadrinhos da DC Comics. Heróis como ‘Batman’, ‘Aquaman’, ‘Mulher Maravilha’, ‘Lanterna Verde’, entre outros da ‘Liga da Justiça’, fazem muito sucesso e são populares entre as crianças. A ala foi toda redecorada: a sala de brinquedos se transformou em Sala da Justiça, portas e corredores foram adesivados e a fachada ganhou uma entrada exclusiva para os pequenos heróis, que na verdade eram os pequenos pacientes que sofriam com diferentes formas de câncer (A.C. CAMARGO CENTER, 2014).

O projeto foi lançado em 2013 e contempla uma série de ações que foram criadas pela agência JWT. A iniciativa tem como objetivo oferecer mais leveza ao tratamento do câncer infantil. Não somente a ambientação dos espaços foram modificados, os recipientes usados na quimioterapia também foram remodelados e ganharam uma nova roupagem: cápsulas baseadas nos uniformes dos super-heróis.

A adaptação de objetos usados pelos super-heróis nos utensílios de medicamentos traça um paralelo entre as batalhas dos personagens contra o mal e a batalha da própria criança contra o câncer. Assim, a abordagem trabalha com a ideia de invencibilidade, na medida em que a criança usa como modelo o super-herói e sua superpotência que, simbolicamente, irá empoderá-la ao invés de enfraquecê-la. Dessa maneira, ela passa a acreditar que, assim como o super-herói, ela tem poderes de enfrentar qualquer desafio, como, por exemplo, a batalha contra sua doença.

Entretanto, uma ideia pouco disseminada é que a grande maioria dos super-heróis das HQs sofreram ou ainda sofrem com adversidades sociais. Entretanto, eles superam as adversidades por intermédio do empoderamento e poder de enfrentamento dos males e sofrimentos de diversas formas. Assim, seu simbolismo como uma “ferramenta” de intervenção psicoeducacional e promotora de resiliência e empoderamento traz importantes benefícios a crianças e adolescentes no enfrentamento do sofrimento das adversidades sociais. Projetar estes personagens ficcionais como modelos de superação e possibilitar que as crianças em momentos vulneráveis de suas vidas se inspirem para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma “virada” (RUTTER, 1987) de grande significado para o resto de suas vidas.

Estudos, como o de Weschenfelder (2017), demonstram que é possível realizar paralelos entre as adversidades da vida real de crianças e jovens desfavorecidos (por exemplo, por abandono, abuso, etc.) e as histórias de vida ficcionais dos super-heróis, especialmente no estágio anterior à transformação desses personagens heroicos representadas por suas “capas e/ou máscaras e fantasias” (WESCHENFELDER, 2017). Esses últimos aparecem revestidos da simbologia de força e coragem para combater o crime e o mal, e o inaceitável (WESCHENFELDER, 2011). Tal fato leva a questionar e investigar quais seriam as implicações clínicas, sociais, educacionais e políticas dessas semelhanças para a construção de programas de apoio e promoção de resiliência em diferentes ambientes educativos.

5 NÃO É NEM UM PÁSSARO, NEM UM AVIÃO! SÃO OS SUPER-HERÓIS PAIRANDO EM SALAS DE AULA

Poucos profissionais da educação acreditam que os personagens de superaventura possam ser usados como recurso pedagógico de motivação e inspiração no desenvolvimento de crianças. Ao tratar desse tema, Harris (2016) ressalta a eficácia de uma das estratégias usadas por uma educadora americana em seu trabalho, qual seja, possibilitar que as crianças vestissem indumentárias dos personagens das superaventuras. Com essa simples movimentação do mundo simbólico infanto-juvenil, algumas crianças revelaram sentir-se especialmente empoderadas, seguras, confiantes e com a coragem e o olhar esperançoso de um super-herói (HARRIS, 2016). O trabalho de Harris sugere, ainda, que o trabalho escolar com os sentimentos de compaixão e preocupação solidária, sublinhados em várias histórias de super-heróis, pode ser uma ferramenta eficaz para prever e conter iniciativas de bullying. Isso está em consonância com os argumentos de Weschenfelder (2014) de que os super-heróis são modelos de valores de ética e educação moral. Nesse sentido, personagens super-heroicos apresentam potencial como recurso educativo e pode se fazer presente nas salas de aula (WESCHENFELDER, 2014) e em ambientes terapêuticos.

Mas, em que medida o personagem super-heroico pode auxiliar na fase anterior ao seu empoderamento, ou seja, antes de manifestar seus superpoderes, quando ainda está sem capas e máscaras que escondem sua identidade real? Consta-se que o super-herói na fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” está muito vivo e compartilha suas histórias com muitas crianças em situação de risco. Fradkin, Weschenfelder e Yunes, (2016), em um estudo que tinha como objetivo indexar as adversidades vividas pelos super-heróis, observaram que a grande maioria dos personagens de superaventura já viveu ou vive alguma adversidade: orfandade; abandono; membro da família assassinado; bullying; limitações econômicas; abusos e violência sexuais, entre outros. Entende-se que essas adversidades na fase Pré-Capa/Pré-Máscara dos super-heróis apresentam potencial para promover o empoderamento de crianças e jovens de grupos vulneráveis (FRADKIN *et al*, 2016), facilmente identificáveis em ambientes educacionais.

Os personagens super-heroicos já estão presentes no imaginário infanto juvenil e inclusos numa elaboração interventiva, passando a ter grande força de identificação lúdica

e auxiliando o encontro de caminhos com gosto de empoderamento. Entretanto, cabe ressaltar que, em um ambiente de sala de aula, existe uma linha tênue entre se inspirar nos super-heróis e ter um profissional da educação como tutor para promover uma intervenção usando super-heróis.

Para compreender alguns pontos relacionados à inserção das HQs na prática escolar, promoveu-se uma ampla investigação junto a docentes no estado do Rio Grande do Sul, cujo resultado apresentamos a seguir.

6 O QUE OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PENSAM SOBRE AS HQS EM SALA DE AULA?

O trabalho de coleta de dados valeu-se de um questionário no Google Drive, enviado a docentes do estado do Rio Grande do Sul, através de secretárias estaduais e municipais e redes sociais da rede privada de educação. No total, 891 docentes responderam ao questionário.

As respostas evidenciaram que 54,4% dos docentes já foram leitores de algum tipo de história em quadrinhos; 34% ainda possuem o hábito de ler o gênero; 7,2% nunca leram e 4,4% gostariam de iniciar a leitura. Entre aqueles que eram leitores ou que possuem ainda o hábito de ler, 83,1% citaram as HQs infantis (Turma da Mônica, Disney, etc.) como as preferidas; 71,8%, as tiras de jornais; 58,9%, as HQs Cômicas (Hagar, Mafalda entre outras) e 36,5%, as HQs de superaventura (super-heróis).

A pesquisa também mostrou que 57,5% do total dos respondentes possuem algum item/produto de um personagem das HQs (ex: canecas, camisetas, cadernos, etc.).

O público respondente destacou que 76,5% das bibliotecas escolares possuem quadrinhos em seus acervos, dessas 50% comentaram que já utilizaram em sala de aula e 22,7% gostariam de utilizar. Questionados de forma utilizaram 92% como incentivo ao hábito de leitura. Outra questão levantada foi, se sentem seguras a utilizarem esse objeto em sala de aula para outras atividades, 89% responderam que não.

Quando questionados se acreditam que as HQs são puramente um simples objeto de entretenimento, 63,7% acreditam que elas vão muito além do simples entretenimento. 87,3% responderam que elas servir como material pedagógico em sala de aula. Na questão que versava sobre o interesse por uma formação de como trabalhar com HQs em sala de aula, 92,5% dos docentes investigados que gostariam de participar de alguma formação docente e/ou ter algum material formativo sobre o uso de histórias em quadrinhos em ambiente escolar.

A pesquisa indica, portanto, que, a maioria dos docentes conhece o gênero e 88,4% deles já consumiram, em algum momento, ou ainda consomem histórias em quadrinhos. Porém, um número expressivo (89%) relatou que não se sente seguro em utilizar quadrinhos em sala de aula, ainda que boa parte das histórias apresente questões tratadas em ambiente escolar, temas ligados às Ciências Humanas, da Natureza, Linguagens e Matemáticas. Além do mais, estas produções estão recheadas de temas ligados à pluralidade cultural; à ética e cidadania; ao meio ambiente; a questões de representatividade de gênero, relações étnico raciais, entre outros. São assuntos que estão

nos Temas Contemporâneos Transversais (TCT's) da Base Nacional Comum Curricular-(BNCC) (BRASIL, 2018).

Assim, justifica-se um investimento na formação de docentes, que tenha por objetivo prepara-los (melhor) para utilizar este expoente da cultura, as histórias em quadrinhos.

7 A CRIAÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE

Com base no questionário respondido por docentes do estado do Rio Grande do Sul, há um estudo, em andamento, que trata de apresentar e avaliar uma possibilidade de formação de professores da educação básica sobre o uso de histórias de super-heróis em sala de aula. Apresenta-se, aqui, uma proposta de formação docente, como ponto de partida para reflexões acerca da temática. O objetivo é fomentar intervenções promotoras de desenvolvimento humano em ambiente escolar por meio de objetos da cultura pop (neste caso Quadrinhos), demonstrando que os super-heróis podem se constituir tutores de resiliência, portanto, importante recurso para o desenvolvimento de intervenções psicossociais em contextos educativos diversos. A formação prevê três etapas distintas, que se resumem nas seguintes ações: 1- Desenvolver, implementar e avaliar uma formação docente, junto a professores da educação básica, que os capacite para a utilização de histórias em quadrinhos como mediação pedagógica atraente e eficiente para a formação relacional e psíquica das crianças e dos adolescentes; 2 - Implementar o Programa de Intervenção “Seja Super-Herói de sua própria vida”, com registro audiovisual, para que a experiência possa ser transformada em material didático pedagógico e; 3 - Realizar uma avaliação de seguimento, após a formação docente, para investigar a aplicação da proposta nas atividades dos professores junto a seus alunos.

Os participantes serão professores da educação básica e alunos de licenciatura. Os candidatos serão selecionados a partir dos seguintes critérios: a) desenvolver atividades docentes junto a crianças e adolescentes; b) ter no mínimo 6 meses de experiência docente; c) apresentar disponibilidade para aplicar a proposta em sala de aula, no período de 2 meses após a participação no estudo.

As oficinas ocorrerão nas dependências das escolas, em horários e datas previamente agendadas. Após esse período de formação, os participantes terão o acompanhamento para aplicação e/ou adaptação de atividades em seus ambientes escolares.

A formação está dividida em 4 (quatro) módulos de 2h (duas horas) cada. Esses módulos terão os seguintes temas e conteúdos básicos:

Módulos da formação docente

	TEMA	CONTEÚDOS
--	------	-----------

Módulo 1	Histórias em Quadrinhos (HQs), que objeto é esse?	<ul style="list-style-type: none"> - O que são as HQs; - O que é Arte Sequencial; - Arte moderna e marginalizada, críticas históricas sobre a influência em crianças e adolescentes.
Módulo 2	HQs em ambiente escolar	<ul style="list-style-type: none"> - O uso de HQs como objetos didáticos pedagógicos; - Painel de experiências pedagógicas; - Oficina prática: conhecendo HQs.
Módulo 3	Intervenções psico-pedagógicas e práticas docentes com quadrinhos	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação do programa com os participantes e realização de oficina de roteiro de HQ e Programa de Intervenção “Seja Super-Herói de sua própria vida”. - Painel de experiências pedagógicas; - Apresentação de estudos e intervenções positivas que usam o personagem de HQs de superaventuras em suas ações.
Módulo 4	Criação de práticas docentes	<ul style="list-style-type: none"> - Criações de projetos didáticos com o uso de HQs a serem aplicados em ambientes escolares.

FONTE: (Dos Autores)

Para a avaliação dessa formação docente, serão aplicados questionários em formato de pré-teste e pós-teste: a) Questionário sócio demográfico, para levantar dados como sexo, idade, tempo de experiência docente, entre outros; b) Questionário sobre Quadrinhos em sala de aula, para avaliar conhecimentos em HQ; c) Questionário de Avaliação do Programa, para avaliar a satisfação dos participantes com as oficinas, a clareza e compreensão dos conteúdos abordados e a generalização e a aplicação do aprendizado por parte dos participantes após o término da formação docente. Também inclui questões descritivas para avaliar quais as atividades ou temas abordados foram importantes, se colocaram em prática algo aprendido, se notaram alguma mudança na sua prática docente e; d) Observação e registro visual da produção gerada a partir das atividades desenvolvidas pelos professores, com seus alunos, com uso das HQ (após a formação concluída).

Os dados coletados serão analisados qualitativamente a partir da Análise de Conteúdo do Tipo Temática (SALDAÑA, 2013), nos seguintes passos: pré-análise: transcrição e familiarização com os dados; primeiro ciclo de codificação por 1) magnitude; 2) estrutural; 3) avaliativa; segundo ciclo de codificação: método de codificação padrão; pós-codificação: interpretação dos dados. Será realizada, também, uma análise quantitativa descritiva no que se refere à Ficha de avaliação, preenchida pelos participantes, observando médias nos aspectos de satisfação, clareza e compreensão e generalização. Ainda serão analisados os produtos gerados pelos professores, nas atividades desenvolvidas com seus alunos, a partir da formação docente.

8 RESULTADOS DA FORMAÇÃO: EM BUSCA DA PROMOÇÃO DAS HQS

No ano de 2020, foi realizada uma formação de professores, em forma remota, em um município da Encosta da Serra Gaúcha, nos moldes da proposta apresentada na seção anterior, que contou com a participação de 25 docentes da educação básica. Portanto, todas as etapas – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio – estavam representadas.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa, junto aos docentes, com o objetivo de averiguar algumas questões pertinentes à temática. Chegou-se aos seguintes dados a respeito do público respondente: 78,3% já consumiram alguma HQ; 13% consomem ainda algum gênero de história em quadrinhos e, 8,7% nunca leram alguma produção em HQ. Entretanto, todos os respondentes conhecem alguns personagens desse objeto cultural. Em relação à participação de alguma formação e/ou recebimento de algum material sobre o uso de histórias em quadrinhos em ambiente escolar, 91,3% relataram nunca terem participado de nenhum curso ou recebido qualquer material referente ao uso do gênero em aula.

Entre o público que respondeu positivamente à questão, 8,7% afirmaram ter recebido algumas dicas sobre como usar plataformas digitais para criar quadrinhos com os alunos e/ou terem ouvido algo sobre o gênero em suas formações acadêmicas.

Quando questionados se já utilizaram quadrinhos em suas práticas docentes, 65,2% do total dos respondentes responderam positivamente. Ao serem indagados sobre como procederam nessa prática, a grande maioria deles declarou ter utilizado as histórias para incentivar os estudantes para a leitura.

Diante da questão se eles se sentem seguros para utilizar a ferramenta histórias em quadrinhos em suas aulas, a resposta não poderia ser mais óbvia: 97% relataram que possuem dificuldades e não se sentem seguros para desenvolver um trabalho com o gênero. Porém, quando questionados se acreditam que os personagens das HQs possam, de alguma forma, contribuir com o desenvolvimento de seus leitores, foram unânimes em responder que sim.

Após a formação, outro questionário avaliativo foi aplicado, desta vez com o intuito de averiguar os resultados da proposta. Questionados sobre se, a partir da formação, eles começaram a consumir algum tipo de história em quadrinhos, 50% dos participantes responderam positivamente e 36,4% responderam que ainda não, mas que possuem interesse em fazê-lo. Entre o público respondente, foi unânime a percepção de que os quadrinhos não se restringem apenas ao entretenimento do grande público, principalmente do público infanto-juvenil.

Em relação à formação propriamente dita, 54,5% dos participantes responderam que ficaram muito satisfeitos; 40,9% satisfeitos e 4,5% marcaram a opção regular. Referente às aprendizagens da formação, 50% responderam que estão muito satisfeitos, 40,9% satisfeitos e 9,1% apontaram a opção regular. Quando questionados a darem sugestões, a resposta que predominou foi a de ter uma formação mais longa, com a justificativa de que há muitos conteúdos propostos para serem desenvolvidos em um curto espaço de tempo.

Quando questionados sobre se eles têm a pretensão de utilizar conteúdos desenvolvidos na formação com seus alunos, a resposta foi positiva, por unanimidade, o

que evidencia que, mesmo tendo sido uma formação de curta duração, e pelo modelo remoto, em função da pandemia, a proposta atingiu seu objetivo principal: valorizar o gênero história em quadrinhos, aproximando-o dos docentes, a fim de que eles se sintam motivados e preparados para utilizá-lo em aula e, assim, atender a proposição da BNCC.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs aparecem, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), como uma das produções artísticas que devem receber atenção em sala de aula. Sabe-se, entretanto, que a simples menção a determinado gênero em um documento oficial não garante sua efetiva presença em ambiente escolar. Para que, de fato, ele conquiste seu espaço, é preciso que o professor conheça sua natureza e as funções que lhe são atribuídas, para que ele possa, a partir disso, estruturar uma proposta de análise.

Conforme apontado, o gênero em questão ainda é visto, por muitos, como puro entretenimento, incluindo, nesse público, parcela considerável de professores, o que demonstra desconhecimento em relação a ele. Nessa ordem, surge a formação de professores como uma alternativa viável e eficaz para reverter o quadro. A partir de propostas como a anteriormente apresentada, o público envolvido desenvolve e/ou aprofunda seus conhecimentos sobre arte em geral, arte sequencial, HQs em particular, além de ter a oportunidade de entrar em contato com experiências já realizadas e de criar projetos didáticos a serem aplicados em ambientes escolares que tenham como centralidade o gênero em questão.

Mesmo que a formação desenvolvida como projeto piloto não esteja plenamente articulada com a concepção defendida pelos protagonistas – não houve acompanhamento dos resultados, por exemplo, em parte em função do contexto da pandemia – acredita-se, e as respostas dos professores evidenciam isso, que ela já contribuiu em muito para a qualificação da prática docente em relação à leitura, especificamente das HQs.

Os resultados obtidos, expressos na satisfação dos professores com a formação, e o fato de eles, em sua totalidade, demonstrarem interesse em trabalhar com o gênero com os estudantes, qualifica a proposta, visto que, na pesquisa preliminar, 97% deles relataram que possuem dificuldades e não se sentem seguros para desenvolver um trabalho com o gênero.

Diante desse quadro, é possível afirmar, com relativa segurança, que o trabalho aqui proposto, ainda em fase inicial, contribuiu para a formação do docente e, por extensão, do discente. A partir da leitura de HQs, os estudantes se deparam com histórias que introduzem e abordam de forma vívida questões de suma importância enfrentadas pelas pessoas, como a ética, a responsabilidade pessoal e social, a justiça, o crime e o castigo, a mente e as emoções humanas, a identidade pessoal, a alma, a noção de destino, o sentido da vida, a importância da amizade, o significado do amor, a vida em família, a coragem, entre muitos outros temas. Ao fazê-lo, tornam-se melhor preparados pela vida, visto que ampliam suas experiências em relação a ela, em especial, por meio da identificação com os personagens.

BIBLIOGRAFIA

- A.C. CAMARGO CENTER. Superfórmula para combater o câncer. 2014. Disponível em: <http://www.accamargo.org.br/superformula/>. Capturado em 20/05/2015.
- ANDRÉ, M. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos de 1990 e 2000. *Formação Docente*, Belo Horizonte, 2009, 01 (01), 41-56, ago.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CHOPRA, Deepak. As 7 leis espirituais dos super-heróis. São Paulo: La Fonte, 2012.
- COLE, L. D. California welfare and institutions code § 369.5 authorization of psychotropic medication to California's dependent children A policy analysis (Doctoral dissertation). Recuperado de ProQuest Dissertations and Theses, 2014. (Accession Order No. 1527687).
- FERNANDES, G.; YUNES, M. A.; TASCETTO, L. R.. Bullying no ambiente escolar: O papel do professor e da escola como promotores de resiliência. *Revista sociais e Humanas*, v. 30, p. 141-154, 2017.
- FERNANDES, Grazieli. Violência doméstica e bullying [manuscrito]: a percepção da rede de relações sob ótica da bioecologia do desenvolvimento humano. Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.
- FRADKIN, C., WESCHENFELDER, G. V., & YUNES, M. A. M. Shared adversities of children and comic superheroes as resources for promoting resilience: Comic superheroes are an untapped resource for empowering vulnerable children. *Child abuse & neglect*. 2016. disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213415003683>
- GATTI, B. A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. *Revista Diálogo Educacional*, 2017, 17(53), 721-737.
- GATTI, B. A. & BARRETO, E. S. S. (coords.). Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO. 2009. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>.
- GFK Indicador. Estudo exploratório do imaginário infantil. Agosto 2008 (pesquisa exclusiva para Mattel).
- HARRIS, K. I. Heroes of resiliency and reciprocity: teachers' supporting role for reconceptualizing superhero play in early childhood settings. *Pastoral Care in Education*, v. 1-16, 2016.

IMBERNÓN, F. Formação Continuada de Professores. (Trad. Juliana dos Santos Padilha). Porto Alegre: Artmed, 2010.

JUFFER, F., & VAN IJZENDOORN, M. H. (2005). Behavior problems and mental health referrals of international adoptees: a meta-analysis. *Jama*, 293, 2501-2515.

KNOWLES, Christopher. Nossos deuses são Super-Heróis. Tradução: Marcello Borges. São Paulo: Cultrix, 2008.

MACHADO, J. A. A escola como espaço de formação continuada de professores: um estudo no contexto da Rede Municipal de Ensino de CANOAS-RS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade La Salle. 2013.

MARNY, Jacques. Sociologia das histórias em quadrinhos. Porto: Civilização, 1970.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience progresses in development. New York, London: The Guilford Press, 2014.

MORRISON, Grant. Superdeuses. São Paulo: Seoman, 2012.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. Balanço do Disque 100: mais de 40 mil denúncias de violações de direitos de criança e adolescente. Brasília: Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância. 2015. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/balanco-do-disque-100-mais-de-40-mil-denuncias-de-violacoes-de-direitos-de-crianca-e-adolescente/>

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*. 57, 1987.

SALDAÑA, J. The coding manual for qualitative researchers. London: Sage, 2013.

SANTOS, José Luiz. O que é Cultura? 6º Ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1987.

SELIGMAN, M. E. P. STEEN, T. A., PARK, N. & PETERSON, C. Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions. *American Psychologist*, Vol 60(5), Jul-Aug 2005, 410-421.

SILVA, G. F.; MACHADO, J. A. Saberes em diálogo: a construção de um programa de formação docente em uma rede municipal de ensino. *Revista Ibero-Americana de educación*, 2018, 77, 95-114.

UNICEF. Guia municipal de prevenção da violência letal contra adolescentes e jovens. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf

VAILLANT, D. Análisis y reflexiones para pensar el desarrollo profesional docente continuo. *Revista Educar*, nº Especial 30 aniversário, 2014. 55-66. Disponível em <http://educar.uab.cat/article/view/v50-esp-vaillant/pdf-es>.

VIANA, Nildo. Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

WALSH, F. Fortalecendo a resiliência familiar. São Paulo: Editora Roca, 2005.

WESCHENFELDER, G. V.; YUNES, M. A. M. ; FRADKIN, Chris . Super-heróis na fase pré-capa/pré-máscara: inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. *PESQUISAS E PRÁTICAS PSICOSSOCIAIS*, v. 15, p. 1-12, 2020.

WESCHENFELDER, G. FRADKIN, C. & YUNES, M. A. M. Super-Heróis na fase Pré Capa/Pré-Máscara como base de inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. *Psicologia – Teoria e Pesquisa*. 2018.

WESCHENFELDER, Gelson. Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2017.

WESCHENFELDER, Gelson. Aristóteles e os super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos. São Bernardo do Campo, SP: Garcia edizioni, 2014.

WESCHENFELDER, Gelson. Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes. Dissertação, Unilasalle, 2011.

WESCHENFELDER, Gelson. Filosofando com os super-heróis. Porto Alegre: Mediação, 2011.

WINDLE, M., GRUNBAUM, J. A., ELLIOTT, M., TORTOLERO, S. R., BERRY, S., GILLILAND, J., SCHUSTER, M. (2004). Healthy passages: A multilevel, multimethod longitudinal study of adolescent health. *American Journal of Preventive Medicine*, 27, 164-172.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World report on violence and health. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf

YUNES, M. A. M. Dimensões conceituais da resiliência e suas interfaces com risco e proteção. In MURTA, C. L.; FRANÇA, C. L.; BRITO, K.; POLEJAK, L. (Org.). *Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamentos e estratégias de intervenção*. Novo Hamburgo: Synopsis, 2015.

YUNES, M. A.M.; SILVEIRA, S. B.; JULIANO, M. C.; PIETRO, A. T. & GARCIA, N. M. Intervenções psicoeducacionais positivas em contextos de risco psicossocial. In: SANTOS, B. S.(ORG). Espaços psicopedagógicos em diferentes cenários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

ZAPPE, J & DELL'AGLIO, D. D. (2016). Risco e Proteção em adolescentes que vivem em diferentes contextos: Família e institucionalização, Revista Colombiana de Psicologia 25, 289-305.